

Alvaro A. da Silveira

Engenheiro chefe da Comissão Geographica
e Geologica de Minas Geraes

Memorias chorographicas

VOL. I

1922

BELLO HORIZONTE

Imprensa Official do Estado de Minas Geraes

1921

G. 1.003

Alvaro A. da Silveira

Eugenheiro chefe da Comissão Geographica
e Geologica de Minas Geraes

Memorias **chorographicas**

VOL. 2

1922

BELLO HORIZONTE
Imprensa Official do Estado de Minas Geraes

1922

G. 1.003

Os botocudos

A zona habitada pelos civilizados termina exactamente no Rio Doce.

Da margem esquerda desse rio para o norte, havia em 1911, um trecho mineiro compreendido entre o rio Suassuhy Grande e a Serra dos Aymorés que não foi ainda penetrado por gente civilizada.

Na matta virgem que cobre esse tracto de terra habitam os Botocudos, em grande parte já meio civilizados.

Esses indios passam, com effeito, frequentemente para a margem direita do Rio Doce, onde já se acha installada a civilização representada pelos centros que se vão formando—como Natividade, Lajão, Derribadinha etc.

Quando na margem opposta á que serve de limite aos seus dominios, os Botocudos já supportam, hoje, os homens umas calças, e as mulheres uma saia; quando regressam, porém, aos seus penates, tiram, logo ao pisar a margem esquerda do rio, essas incommodas coberturas do corpo e ficam completamente nus. Os homens, todavia, trazem, atada por um cordel e pen-

dida pouco abaixo da barriga, uma pequena tanga; as mulheres nada trazem sobre o corpo.

Para evitar os ataques dos mosquitos fazem na pelle unções com óleo de capivara, e por esse motivo, exalam um cheiro detestavel.

Os Botocudos constróem, para sua morada temporaria, um rancho coberto com algumas palhas de palmeira e aberto de todos os lados — é o «kijeme» que significa «casa».

No chão do «kijeme» estendem as suas camas formadas de ramos e capins e dispostas umas em seguida ás outras, mais ou menos parallelas entre si.

Quando morre um dos moradores do «kijeme», este é abandonado: já não serve para morada dos outros, que tratam de construir novo «kijeme» em logar differente.

Os mortos não são enterrados e sim sujeitos á cremação.

Para isto, collocam sobre o cadaver um monte de coivaras e ramos seccos e lhes mettem fogo, queimando o mais possível o defuncto.

Tudo isso é feito sem qualquer cerimonia funebre, que elles absolutamente não têm.

Talvez seja mais piedosa essa fogueira lugubre do que os fornos modernos de cremação empregados por varias cidades civilizadas da Europa. Ao menos, das cinzas apagadas desse tumulo ardente sahirão rebentos da floresta exuberante da matta virgem em cujo seio continuará a viver o ente querido, pois na folhagem verde e bella e no aroma suave das flores dessas plantas, se encontrará uma como imagem viva do chorado morto.

O característico dos Botocudos é a deformação que elles operam no labio inferlor da mulher, por meio de taboinhas, que representam o papel de «annel de alliança» dos casados civilizados.

Essa taboinha tem o nome de «botoque», provin-do deste a denominação da tribu.

Quando a mulher se casa, recebe logo a taboinha destinada a dilatar-lhe paulatinamente o beijo inferior e a bem definir o seu estado de casada. A principio a taboinha é pequena, mesmo porque a dilatação não se pôde operar de um momento para outro; á medida porém, que a mulher se tendo filhos, as taboinhas vão sendo substituidas por outras de diametro cada vez maior, de sorte que chegam a tornar o labio inferior verdadeiramente disforme e horrorosamente dilatado.

Quando, porventura, uma mulher casada deixa de usar a taboinha no beijo, isto é motivo para que ella seja o alvo de zombarias de toda a sorte, atiradas pelas outras que seguem intransigentemente os costumes da tribu.

A taboinha ou botoque constitue um estorvo material para a ingestão dos alimentos, mormente dos liquidos, que a mulher casada botocuda, quando o beijo está já muito dilatado, ingere com grande difficuldade.

Além disso, como os dois labios não mais se correspondem, fica ella impossibilitada de manifestar a sua caricia empregando um meio tão commum entre os civilizados—o beijo.

Este concretizador do affecto e tão decantado pelos poetas não é usado pelos Botocudos, ao menos pelas mulheres casadas da tribu.

Apesar do escarneo a que ficam sujeitas, algumas mulheres botocudas já se vão libertando, todavia, do horrendo costume que lhes deforma o beijo inferior, de sorte que hoje existem entre ellas varios exemplos de rebeldia contra esse barbaro distinctivo.

Usa ainda a mulher botocuda um adorno semelhante ao «brinco» da mulher civilizada — são dous cilindros de madeira, exaggeradamente grandes, que lhe pendem da base da orelha. Este adereço é tambem usado pelo homem.

Deve ser um luxo demasiado incommodo, como o são, além disso o espartilho e tantas outras exigencias da «moda» dos civilizados.

A monogamia é a usual entre os botocudos, mas tambem é permittida a polygamia. Esta é mais rara devido aos encargos pesados que ella traz para o polygamo.

Para a realização do casamento não ha grande cerimonia, sendo muito simples as sponsalias.

O proprio pretendente vae ao «kijeme» do pae da moça e lhe diz:

—«Eu matei uma anta (veado ou outro animal de grande porte) e desejo que a «nhorá oran» sua filha seja minha companheira, pois eu já posso tratá-la».

O pae cede em geral e o capitão, chefe da tribu, tambem dá o seu consentimento, podendo, em todo o caso, negal-o, si quizer.

O noivo traz a caça (anta, veado, onça, etc.) para o «kijeme» e então sagram o enlace dos nubentes, comendo a caça e dançando até alta noite.

O thalamo nada tem de especial—é um dos leitos da longa fila existente no chão do «kijeme».

Os Botocudos se alimentam de animaes e de fructas.

Qualquer animal constitue para elles uma apreciada iguaria; e assim consideram elles saborosos acepipes—cobras, lagartos, sapos, etc.

Quando tratam de saborear uma dessas guloseimas, dispensam a agua para qualquer operação previa de asseio. Tiram, mal espremendo-o, o conteúdo das tripas; aquecem, tambem de modo imperfeito, o petisco, passando-o por sobre o fogo—sapecam-n'o ligeiramente, e está prompto o guisado para ser com grande prazer ingerido.

Para a caça, alguns Rotocudos já se utilizam de espingardas adquiridas nos povoados fronteirós á zona de seu dominio; o mais commum, todavia, é utilizarem-se de arco e flecha.

O arco é feito do tronco da palmeira brejaúba e a corda, de fibra tirada da casca de imbaúba (*Artocarpacea* do genero *Cecropia*).

O tamanho do arco varia conforme o fim a que se destina, havendo para as crianças arcos pequenos que lhes permittam os exercicios desde tenra idade.

Possúo dous arcos, um dos quaes tem 1,m50 de altura, e outro 1,m90.

As flechas têm, em geral, 1,m50 de comprimento e são feitas de colmo recto de uma Graminea lenhosa denominada «taquara de indio».

Para a ponta da flecha, que é ligada ao colmo recto por meio de uma fita delgada e resistente extrahida da casca do cipó imbé (*Aracea* do genero *Phyllodendron*), é utilizado o «quicé» que significa «faca»—uma taquara muito dura e resistente.

Ha, todavia, pontas preparadas com outros materiaes e de fórmias diversas, conforme o objectivo vi-

sado—pontas para guerra, para caça de grande porte, para caças pequenas, etc.

Na cauda da flecha, existe circumdando o colmo entre as duas pennas que servem para garantir-lhe a direcção desejada, um anel de penas cujas cores indicam a categoria do indio que pode empregar-as.

Conforme as cores desse anel, reconhece-se logo si a flecha é do «Capitão» ou de um indio solteiro ou casado, ou de um que conte em sua vida um feito de bravura.

Na caça o indio vae quasi sempre acompanhado da mulher, que tem por obrigação conduzir o maço de flexas e o samburá em que se collocarão as caças mortas.

A india conduz o samburá nas costas e preso por um cordel que lhe passa pelo pescoço.

Das fructas que mais contribuem para sua alimentação, occupa lugar principal a sapucaia, de cujas sementes os Botocudos são extremamente ávidos.

No tempo da maturação das sapucaias elles se affastam 20 leguas e as vezes mais do «kijeme» em procura das sementes desses fructos.

Gostam muito de milho, que comem mesmo crú.

Quando se lhes dá um sacco de milho, abrem-n'o immediatamente e cada um vae-se abastecendo da quantidade que lhe convem, ouvindo-se, então occasionado pela mastigação, um ruído rouco e surdo, semelhante ao produzido pelos mares ou cavallares ao receberem uma ração desse cereal.

O Botocudo nunca se esquece do mal que lhe fazem e não fica satisfeito enquanto não tira uma desforra vingativa.

O seguinte episodio, que me foi referido, e que se passou em meados de 1910, mostra quanto é vingativo o indio Botocudo.

Em Resplendor um indio teve uma altercação qualquer com um «portuguez» da localidade.

Portuguezes para elles são todos aquelles que não são indios.

O resplendoreense, dizendo-lhe alguns desaforos, ameaçou o indio com prisão e outras penas.

O Botocudo não se mostrou, na occasião, agastado com o portuguez que era um Mineiro alli residente; ao contrario tratou de obsequiar o mais possivel o seu agressor, afim de captar-lhe a confiança absoluta.

Depois de conseguida esta, o Botocudo, offerecendo ao «portuguez» uma india das mais bonitas da tribu, convidou-o a ir com ella para a margem esquerda do rio, afim de lá gosar a offerenda.

Acceito o convite, metteram-se todos na canôa, mas ao chegar esta á margem opposta, em vez da presa cobiçada, foi o desventurado «portuguez» mimoseado com varias flexas que lhe atravessaram o corpo.

Commettido o assassinato, os Botocudos embrenharam-se na matta, satisfeitos com a desforra.

Estavam vingados.

529

Silveira, Alvaro A.

Memorias chorographica

BH: Impr. Offic. v. 2, 1922

p. 529 ss.

VI

A lingua dos botocudos

Parece que pouca coisa se tem escripto a respeito dos Botocudos e por isso, não é fóra de proposito indicar aqui alguns vocabulos da sua lingua.

Não deixa, por isso, de apresentar bastante interesse o vocabulario aqui em seguida.

VOCABULARIO POJITXA'

POJITXA'—PORTUGUEZ

A

Ajú—sapucaia.
Ambaqui—acima.
Amporú—fóra.
Angoi—cantar.
Angori—aranha.
Anion—cará.
Arau—raiva.
Ataran—arara.

B

Baquen—Passarinho.
Bo riu—caboclo.

M. C.—34

Bocrin—veado.
 Brontec—dançar.
 Bococrin—boi.
 Brucucú—vermelho.

C

Can can—latir.
 Careriét—batata.
 Carampé—Deus.
 Cat—couro, pelle, casca, revestimento exterior.
 Cat nec—panella.
 Cat uac—de pelle branca.
 Cato—alma, espirito.
 Com mec—ponta aguçada.
 Cracutau—enxada.
 Crain—homem.
 Créc—faca, facão.
 Créc—verde.
 Crepó—machado.
 Crequé—cabello.
 Creu—cabeça.
 Cron—paca.
 Cruc nino—pequeno, menino.
 Cujun—dente.
 Cumirin—canna.
 Cuparac—onça.
 Cuparac brucucú—onça vermelha.
 Cuparac monmon—onça pintada.
 Cuparac riu—onça preta.
 Cuparac uji—gato.
 Cuprau—anta.
 Cupiric—guariba.
 Curec—porco.

E

Empoc — peixe.
 Epun — espingarda.
 Erê — bom.

G

Ganti nham — alegre.
 Girun — claro, homem claro.
 Grau — cobra.
 Guntun — tatú.

H

Hau — (arpirado) o senhor, vossa senhoria

I

Icoé mun — vou-me embora.
 Ime — negro, macaco.
 Impom — capivara.
 Incam — cochorro.
 Incorá — negro.
 Inhorá — mulher.
 Inhorá nham — vem uma mulher.
 Inhorá oran — moça virgem.
 In up — meu.
 Iren — macaco.

J

Já ji — sabe?
 Já ji nuc — não sei.
 Jac jec — barba.
 Jacá — roupa.
 Jacá imin — camisa.
 Jacá máca — cabeça.
 Jacá maquim — casaco.
 Jacane — esposa.
 Jac jem — bravo.

Japocau—banana.
 Jequeriri—cobra cascavel.
 Jerem—macaco.
 Jicau—pae.
 Ji pac jú—grande.
 Jiconc—filho.
 Jima—bocca.
 Jima cat—beijo, labios.
 Jitxá—quente.
 Jitixoc—lingua.
 Joco jec—cobra cipó.
 Joncate—canôa.
 Jon pec—fogo.
 Jon pec pram—dá-me fogo.
 Jon—beber.
 Jopú—mãe, femea.
 Jopu nane—mulher.
 Joruc juc—rezar.
 Jorum—branco.
 Jouvantâ—feijão.
 Juc—membro viril.
 Juc nec—caxinguelê.

M

Mac—perna.
 Majocon—força.
 Mat—cheio.
 Minhan—agua.
 Minhan groc—cachaça.
 Minhan riu—agua preta. Café.
 Mangarô—arroz.
 Minhan jac jeme—cachaça (agua brava).
 Minhan pac jú—rio.
 Minhan cruc nino—corrego.

Minhan nan—chuva.
 Mec mec—pequeno.
 Moncute—comer.
 Mon mou—doente, dor.
 Monhoc—lua.
 Monhoc mec mec—estrella.
 Mun—ir.

N

Nac—terra
 Nac erê—terra boa.
 Nam poc—matto.
 Nam tiam—demonio.
 Nham mite nuc—não tem nada.
 Nham mite—muito abundante.
 Nhuc—eu.
 Nuc—não.

O

Oatl—milho.
 Oatl cuji—arroz.
 Oh miam—sal.
 On nham—amigo.
 On pro on—farinha.
 Oquen—caetetú.
 Oran—bonito, novo.
 Oti—tu.
 Oti nuc—seu.

P

Pip nuc—não sei.
 Pitau—lagoa.
 Po—pé.
 Pocó riu—jacutinga.
 Pojixá—pé quente (tribu de pé quente).
 Pont nham—mutum.

Porim—farinha de mandioca.
 Pran—quero, sim (afirmativa).

Q

Quan quan—papagaio.
 Quan—barriga.
 Quepó—mono.
 Quia can—roupa.
 Quien nun—braço.
 Quien nun pó—não (o pé do braço).
 Quió—a parte genital da mulher.
 Quijeme—casa.
 Quijini—nariz.
 Quinpon—capivara.
 Quinton—olhos.
 Quitote—comida.

R

Ran ran—jacú.
 Ran nic—seguir.
 Rang nam—fumo.
 Ré—elle.
 Ré—(som brando), bom.
 Riá—amarello.
 Riu—preto.
 Ron—comprido.

S

Sincurane—fome.

T

Ta crú—pedra.
 Ta cru nam—oh! pedra dura!
 Tamaraét—estrella.
 Tanharante—vamos embora.
 Tont—numero, tantos.
 Tempram grinpo—dous dias.

Tantan—torto, aleijado.

Tepó—sol.

Ti—eu.

Tocô riu—bago preto. Café torrado.

Ton—feio.

Tin—toucinho.

Torù—dia sol.

Toru ampin—noite de luar.

Toru gri—trovoadá.

Toru jitxá—dia quente.

Toru merec—relampago.

Toru tetù—noite.

Toru tempron empim pin—de manhã, ao romper do dia.

Txin nun brong—tripas, intestinos.

Tximinc—carne.

Txcomá—gordura, toucinho.

Txon—pau.

Txon nen—arco.

Txoun cat—taboas soltas sobre pés, mesa.

Tupá—Deus.

U

Uac—branco.

Uajá—homem.

Uajic—flecha, setta sem veneno.

Uajic com—flecha lanceada.

Uajic moc inhaca—flecha para passarinho

Uajic po—flecha dentada.

Uap nun—vou.

Uará—macho.

Uati—milho.

Uatu—rio.

Y

Yion ron—abobora.

Yant hon—diabo.

PORTUGUEZ—POJITXA'

A

Abobora—yon ron.

Abundante—nham⁷ mite.

Acima—ambaqui.

Agua—minhan.

Agua preta—minhan riu.

Alegre—ganti nham.

Aleijado—tantan.

Alma—cató.

Amarello—riá.

Amigo—om nham.

Anta—Cuprau.

Arara—ataram.

Aranha—angori.

Arroz—mangalô, oaiti cuji.

Arco—txon nem, nem,

B

Banana—japocau.

Batata—caneriêt.

Barba—jac jec.

Barriga—quam.

Bago preto—tocô riu.

Bago—tocô.

Beber—jop.

Bonito—oran.

Boi—bococrij.

Bom—erê ou rê (com brando).

Boca—jima.

Beço—jimahat.

Braço—quien nun.

Bravo—jac jem.

Branco—uac, jorum.

C

Caboclo—bo riu.

Cabeça—creu.

Cabello—crequé.

Cachorro—incam.

Cachaça—minham groc; minham jac jeme.

Caetetú—oquen.

Café—minhan riu.

Calça—jacá maça.

Camisa—jacá imim.

Canna—cumirin.

Canôa—joncate.

Capivara—quinpoa.

Casa—quijeme.

Casaco—jaca naquim.

Carne—tximinic.

Casca—cat.

Cantar—angoi.

Capivara—impom.

Cara—anion.

Cascavel—jequiriri.

Caxinguelê—juc nec.

Ceu—toru ou taru.

Claro—girun.

Cheio—mat.

Chuva—minhan nam.

Comer—moncut.

Comida—quitote.
 Comprido—ron.
 Coati—jac jic.
 Cobra cipó—joco jec.
 Cobra—crau.
 Couro—cat.
 Corrego—minham cruc nino.

D

Dá-me fogo—jan jec pram.
 Dançar—brontec.
 Dia—torú.
 Dia quente—toru jitxá.
 Demanhã—toru tempram empin pin.
 Demonio—nham tim.
 Dente—cujum.
 Deus—tuoá; carampé.
 Diabo—yant hon.
 Doente—mon non.
 Dor—mono non.

E

Elle—ré.
 Enxada—cracutau.
 Espirito—(alma) cató.
 Espingarda—épun.
 Esposa—jacane.
 Estrella—monhoc mec mec, trmaraét.
 Eu—nhuc; ti.

F

Faca—crec.
 Facão—crec.
 Farinha—on pro on.
 Farinha de mandioca—porim.
 Filho—jiconc.

Feijão — jouvantá.
 Femea — jopú.
 Feio — ton.
 Flecha — uajic.
 Flecha dentada — uajic com.
 Flecha para passarinho — uajic moc inhacá.
 Fogo — janpec.
 Fome — smcurane.
 Foaça — ma-ocon.
 Fumo — rang nam.

G

Gordura — (toucinho) tin; txcomá.
 Gato — cuparac uji.
 Grande — ji pac jú.
 Guariba — cupiric.

H

Homem — crain, nagá.
 Homem branco — girun.

I

Intestinos — txin nun brong.
 Ia — mun.

J

Jacú — ran ran.
 Jacutinga — pocóriu.

L

Labios — jima cat.
 Lagôa — pitau.
 Latir — can can.
 Linuua — jitixoc.
 Lua — monhac.

M

Macaco—jerem ou iren.
 Macaco preto—ime.
 Machado—crepó.
 Macho—uará.
 Mão—quien nun pó.
 Membro viril do homem—juc.
 Matta—am.
 Matto—nam poc.
 Mesa—txoun cat.
 Menino—cruc nino.
 Meu—in uc.
 Milho—uati.
 Mulher—inhorá, jopú nanc.
 Moça—inhorá.
 Moça virgen—inhorá oran.
 Mono—quepó.
 Mutum—pont nham.
 Mãe—jopú.

N

Numero—tant.
 Não—nuc.
 Não tem nada—nham mite nuc.
 Não sei—pip nuc.
 Nariz—qui jini.
 Negro—incorá.
 Noite—torú tetú.
 Noite de luar—toru ampin.
 Nova—oran.

Olhos—quiton.
 Onça—cuparac.
 Onça pintada—cuparac nonmon.

Onça preta — cuparac riu.
Onça vermelha — cuparac brucucú.

P

Pae — ji can.
Panella — cat nec.
Papagaio — quan quan.
Parte genital da mulher — quió.
Passarinho — boquen.
Pao — txon.
Pé — pó.
Pelle — cat.
Pelle branca — cat uac.
Pedra — ta crú.
Pedra dura — ta cru nam.
Pequeno — cruc nino ; mec mec.
Perna — mac.
Peixe — empoc.
Ponta aguçada — com mec.
Porco — curec.
Preto — riu.

Q

Quente — jitxá.
Quero — (sim ; affirmativa,) pram.

R

Raiva — aran.
Rezar — joruc juc.
Relampago — terumerec.
Rio — minhan pac ju, uatú.
Romper do dia — toru tempran ampin pin.
Roupa — quia can, jacá.

Sal—oh mian.
 Sabe?—ja ji?
 Segui—ranc nic.
 Sei—ja ji.
 Seu—oti nuc.
 Senhor—hau (aspirado).
 Setta sem veneno uajic.
 Sol—torú, tepó.

T

Tanto -- tant.
 Tatú—gun ti un.
 Taboas soltas sobre pés—txoun cat.
 Terra—nac.
 Terra boa—nac erê.
 Torto—tantan.
 Toucinho—tin; txcomá.
 Tripas—txin nun brong.
 Trovoada—torú gri.

V

Veado—bocrin.
 Verde—crêc.
 Vermelho—brucucú.
 Você—oti.
 Vossa senhoria—hau (aspirado).
 Vou—uap nun.
 Vou-me embora—icoé mun.

O sr. dr. Ezequiel Ubatuba, que também visitou os índios do Rio Doce, conta o seguinte ;

«Quando cheguei entre elles, disseram-me:

«Otei conin nhuc-naque já-já»?, que mais ou menos é uma pergunta do que andava eu fazendo, naquelles logares.

Respondeu por mim o interprete, que vinha visital-os e saber que queriam, ao que retrucaram, afastando-se:

«Nangran caray jorum cuquim nhanite, caray-jorum nangam ajome men, carav-iorum pumpum tantan uá joupec bruque», que significa o seu pavor dos brancos, sempre a maltratal-os e a ameaçal-os com espinguardas.

Quanto possivel o interprete procurou; como sempre, convencel-os de que esses brancos haviam desaparecido e que todos agora queriam ser seus amigos.

Embora a custo, pouco a pouco, foram perdendo o medo, passando depois a atordoarem-me com perguntas, que eu não entendia.

Um delles, de olhar muito vivo e intelligente, orgulhoso de sua bella mulher, disse-me satisfeito:

«Oti nhuc jocan gran areje pequique, oti nangram tchomun men?» (Acha bonitas as nossas mulheres? Quer ir com ellas?).

«Ac jocam nim oti ni up?» (Qual dellas você me dá?)

E o indio, apontando para uma bella rapariga, de seus vinte annos, respondeu-me:

«Jacuam nim oraen ti intchangué». (Esta aqui, que é a mais fresca, póde levar).

Depois, numa infernal algazarra, me festejaram pelos presentes, que lhes fizera, em mantimentos».

VII

Ainda os botocudos.—Os purys.—A lagôa encantada

A ideia de numero é limitada pelo numero 10—numero dos dedos das mãos.

Quando o botocudo quer indicar, por exemplo, 4 antas, diz, indicando successivamente os 4 dedos a partir do minimo :

—Coprau (1 dedo), coprau (outro dedo), coprau (outro), coprau (o 4.º dedo).

Quando quer dizer que viu, supponhamos, muitas antas, mostra os dedos das duas mãos, depois de fechal-as rapidamente. Além de 10, é o illimitado, é a multidão.

Não se encommoda muito o botocudo com a fidelidade da sua esposa, pois que elle se sente até um tanto lisongeadado, quando um «portuguez» mostra desejo de compartilhar o seu amor conjugal. Dá-se mesmo, ás vezes, o caso de ser vencida a reluctancia da mulher pela intervenção do marido, que a dissuade, encaminhando-a para o adulterio.

Entre os da tribu mantem-se, entretanto, um certo respeito pela mulher de outrem.

Semelhantemente ao que se passa na sociedade civilizada, também na dos Botocudos existe a classe das messalinas cujas regalias são, todavia, bem diferentes, pois que não lhes advem dahi nenhum impedilho para a sua convivência com qualquer dos indivíduos da tribo.

Os Botocudos estão hoje reduzidos a um numero relativamente pequeno.

Varias causas, entre as quaes se podem citar a syphilis, o sarampo e outras molestias que lhes foram contagiadas pela civilização, têm concorrido para o aniquilamento progressivo da tribo.

Elles viviam em constantes guerrilhas com outras tribus vizinhas que habitavam as mattas da margem esquerda do Rio Doce. Não pude, infelizmente, saber ao certo qual o motivo dessas luctas, que ás vezes são renhidas.

Ao sul do rio Doce viviam antigamente algumas tribus, hoje apenas representadas pelos Purys, que habitam as margens do ribeirão S. Manoel, nas vizinhanças já dos limites com o Estado do Espirito Santo.

Chama-se «Aldeia dos Purys» o tracto de terras devolutas que lhes foi reservado e das quaes terão elles o usufructo. A «aldeia» tem uma área de 120 alqueires

Ahi residem cerca de 40 Purys apenas, constituindo poucas familias.

Esses indios já são todos civilizados e são de caracter pacifico.

Quando os vi, queixavam-se muito dos maus tratos que lhes infligia um pseudo «capitão», de nome João Bahiano, que os obrigava a fazer roças para

elle desfructar, abusando, assim, da indole mansa dos infelizes representantes da raça amarella.

Um indio, o Clementino, contou-me que o despota que imperava na aldeia, chegava mesmo a infligir-lhes castigos corporaes.

E' possivel pue a directoria de Protecção aos Indios ignore esse modo de proteger os pobres aborigenes...

Os Purys habitam as margens do S. Manoel desde 1873.

Não sei si esses indios são normalmente anthropophagos; entretanto, contaram-me que um delles referira «ter comido gente, e que era uma carne saborosa. As mãos, principalmente, eram uma delicia».

Os Purys não se encommoam muito com a sua sorte economica. Fazem pequenas plantações de milho, mandioca e feijão. Moram em ranchos de páos a pique cobertos de palha de palmeira—moradas que não apresentam o minimo conforto.

Estas moradas são, além disso, usuaes na zona, mórmente na parte comprehendida entre o S. Manoel e Rio Doce.

A região deixa muito a desejar quanto a adeantamento.

Basta dizer que em toda ella ha apenas 3 escolas —em S. Domingos do Chalet, S. Manoel e Natividade.

Agencia de correio só existe em S. Sebastião do Occidente, Chalet e Natividade. Entretanto, contam-se as seguintes povoações: Natividade, S. Manoel do Mutum (Guaxima), Bom Jardim, S. Domingos do Chalet, Sant'Anna, Laginha, S. Sebastião do Occidente, Santa Rita, Penha e Conceição do Capim, distribuidas

em uma área de 4.349 kilometros quadrados, que é a porção total da zona litigiosa entre Minas e Espirito Santo.

Em conversa com um caboclo, que, parece, nunca viu outras terras além das comprehendidas no circulo estreito abrangido pelo horizonte do seu berço, soube de cousas realmente interessantes.

Depois de me dizer que já havia visto a mãe-do-ouro sahir de um para outro morro, tal como um facho de fogo avermelhado que se deslocasse no espaço, contou-me tambem que, á meia noite, tudo se immobilisava — animaes, vegetaes, agua, vento—tudo o que existe.

—Até a agua nas cachoeiras? —perguntei-lhe.

—Perfeitamente. Eu já vi, uma noite, essa cachoeira aqui do Humaitá completamente parada; a agua fica dormindo e o sr. não ouve nada de rumor; tudo fica quieto, que até faz medo.»

O Sebastião, tal era o nome de meu companheiro de prosa, narrou-me ainda os factos sobrenaturaes que se passam em uma lagôa encantada, cujo local não me poudé bem indicar qual fosse:

—Essa lagôa fica aqui para os lados da serra do In laiá. E' riquissima de caças e de peixes, mas ninguém pôde chegar lá perto. Quando a gente vae se approximando della, ouve-se uma trovoadade de tempestade secca... Uma busina toca damnadamente e tão alto que quasi se fica surdo. Si a gente leva cachorros de caça, elles, chegando lá, ficam completamente transtornados—começam a acuar qualquer buraco de rato nos pés das arvores, a arrepiar o pello e enchouricar o rabo...

Alguns caçadores destemidos têm ido para lá resolvidos a ver a lagôa, mas, quando vão chegando mais perto, ficam tão aterrorizados que voltam logo.»

São muito communs na zona essas lagoas encantadas, pois na serra do Caparaó tambem existe uma bem semelhante a essa da Serra do Indaiá...

São lendas vulgares na região e que bem mostram uma pobreza de creações phantasticas.

E', de certo, admiravel a frieza com que um homem desses conta factos como o da agua immobilizada na cachoeira—coisa que elle já observára!

Falam com a convicção daquelles em quem a verdade infunde a firmeza da asserção, citando, quasi sempre, para confirmar a narrativa, as referencias que lhes foram feitas por um tio seu ou parente proximo e respeitavel... que nunca mentiu.

Est. CCXXXIII



Indios purys em frente ao seu rancho (Valle do S. Manoel) — Out. 1911

Est. CCXXXIV



"Capitão" pury — Out. 1911

Est. CCXXXV



Clementino e sua mulher (indios purys) — Out. 1911

Est. CCXXXVI



Índio puri lançando a flecha

Est. CCXXXVII



Logo em seguida ao lançamento da flecha